



EESC Info

European Economic and Social Committee

A bridge between Europe and organised civil society

April 2022 | PT

Boletim CESE Info – ESPECIAL – CESE PELA UCRÂNIA

A perspetiva dos cidadãos – 3.ª temporada, episódio 17: A sociedade civil unida contra a agressão russa

Desde 24 de fevereiro de 2022, a Ucrânia enfrenta a invasão da Rússia. À ajuda militar e financeira que chega de todo o mundo, somam-se os esforços da sociedade civil da Ucrânia e de toda a Europa, que trabalham em conjunto para ajudar as pessoas em dificuldades. Neste episódio de «A perspetiva dos cidadãos», convidámos alguns dos seus representantes a contar as suas histórias.

Elena Calistru, membro do Comité Económico e Social Europeu, explica-nos de que formas, e com que motivações, os cidadãos romenos ajudam os ucranianos em fuga a encontrar alojamento e comida. Fala-nos também sobre o papel do CESE que, ao mobilizar a sua rede, consegue ativar rapidamente mecanismos para apoiar as pessoas mais vulneráveis.

Marta Barandiy, fundadora da ONG Promote Ukraine, sediada em Kiev e em Bruxelas, dá-nos uma perspetiva ucraniana da situação. Conta-nos como o seu trabalho mudou quando a guerra eclodiu, realça o papel fundamental da sociedade civil, e insiste que os ucranianos nunca baixarão os braços perante o invasor.

Por último, **Bartosz Wieliński**, chefe adjunto de redação do jornal Gazeta Wyborcza, fala-nos dos efeitos da guerra na Polónia e descreve a nova abordagem dos polacos em relação ao fenómeno dos refugiados, explicando, por exemplo, como o sistema escolar acolhe e ajuda os jovens ucranianos. (tk)

Available Languages:

ES	BG	CS	DA	EN	DE	ET	FR	EL	GA	HR	IT	LV	LT	HU	MT
NL	PL	PT	FI	RO	SK	SL	SV								

EDITORIAL



Editorial

Estamos solidários com a Ucrânia

Caras leitoras, caros leitores,

Neste momento trágico causado pela agressão militar não provocada e injustificada da Rússia contra a Ucrânia, estamos solidários com o povo ucraniano.

Na reunião plenária de março, os representantes da sociedade civil ucraniana e russa contribuíram com grande emoção para o debate, relatando as suas experiências em primeira mão da guerra. «Esta guerra não é apenas uma agressão militar contra a Ucrânia, mas também um crime contra a civilização» – as palavras de **Anatoliy Kinakh**, presidente do Conselho Económico e Social Tripartido Nacional da Ucrânia, ecoaram entre os membros e os convidados da plenária.

Os membros do CESE aprovaram a [Resolução – A guerra na Ucrânia e o seu impacto económico, social e ambiental](#), manifestaram a sua solidariedade com a Ucrânia e destacaram o papel da sociedade civil na assistência ao povo e aos refugiados ucranianos.

A Europa enfrenta a maior crise de refugiados desde a Segunda Guerra Mundial, pois, num só mês, cerca de 3,5 milhões de refugiados, incluindo 1,8 milhões de crianças, foram forçados a fugir do país. No entanto, a Europa mantém-se unida com a nação ucraniana, expressando a sua solidariedade em ações.

Desde o início da guerra, testemunhamos uma vaga única de generosidade humana face aos refugiados ucranianos, um exemplo único de solidariedade, unidade e altruísmo.

A sociedade civil está ao lado do povo ucraniano. A nação ucraniana defende a paz e a segurança para todos, e esta tragédia humana não tem fronteiras, afetando-nos a todos.

O Comité Económico e Social Europeu, que representa a sociedade civil organizada, passa das palavras aos atos. Os nossos membros e respetivas organizações estão plenamente empenhados em prestar assistência aos refugiados ucranianos de todas as formas possíveis, e a sua mobilização é impressionante.

Criámos uma página especial dedicada à Ucrânia (<https://www.eesc.europa.eu/en/initiatives/eesc-ukraine>), onde pode consultar o trabalho e as iniciativas em curso dos nossos membros e das organizações da sociedade civil a que pertencem.

Cillian Lohan, vice-presidente do CESE



DA UCRÂNIA, RUMO AO DESCONHECIDO

É graças ao trabalho incansável e heroico de jornalistas, fotógrafos e operadores de câmara, que vão onde nós não conseguimos ir, que o mundo pode testemunhar a tragédia infligida à Ucrânia.

Um deles, o fotógrafo polaco **Sławek Kamiński**, enviou-nos as suas fotografias captadas na cidade de Rzeszów, na fronteira entre a Bielorrússia e a Polónia, e em Medyka-Shehyni, na fronteira entre a Polónia e a Ucrânia.

Publicamos hoje a segunda desta série, tirada na fronteira entre a Polónia e a Ucrânia, agradecendo-lhe por ter imortalizado estes momentos em fotografia. (ehp)

Fotografia: Sławek Kamiński/GW



DIRETO AO ASSUNTO

Na nossa rubrica «Direto ao assunto», convidamos os membros do CESE a destacar aspectos de um parecer ou de uma iniciativa que considerem

importantes. Desta vez, solicitámos a **Veselin Mitov**, copresidente da Plataforma da Sociedade Civil UE-Ucrânia, que explicasse a missão da plataforma, em particular, a sua tarefa no contexto da guerra em curso na Ucrânia.

A Plataforma da Sociedade Civil UE-Ucrânia foi criada em 2015, ao abrigo do artigo 469.º do Acordo de Associação UE-Ucrânia, assinado em 21 de março de 2014, a fim de permitir às organizações da sociedade civil de ambas as partes acompanhar a aplicação do acordo. (at)



«A NOSSA PRIMEIRA TAREFA É INTEGRAR OS REFUGIADOS DE GUERRA UCRANIANOS NAS SOCIEDADES EUROPEIAS»

Na qualidade de copresidente da Plataforma da Sociedade Civil UE-Ucrânia, considero que há que renovar e manter os laços entre os membros desta estrutura, que representam os empregadores, os trabalhadores e as ONG. Neste momento decisivo, face à guerra em curso na Ucrânia, importa reforçar os contactos com os participantes ucranianos na Plataforma da Sociedade Civil.

Se conseguirmos dinamizar os laços entre os membros e assegurar o funcionamento da rede, daremos um passo em frente para a concretização das nossas prioridades. De momento, o objetivo principal deve ser identificar as necessidades práticas do povo ucraniano e ver de

que forma, enquanto membros da Plataforma da Sociedade Civil, podemos ajudar de forma solidária os nossos colegas ucranianos nesta situação extremamente difícil.

Mas considero que a tarefa mais importante consiste em ajudar os refugiados de guerra ucranianos a integrarem-se, num momento em que mais de cinco milhões de pessoas fugiram da Ucrânia para os países vizinhos e para outros países europeus. A integração social e económica dos refugiados ucranianos deve ter lugar de destaque na ordem de trabalhos da próxima reunião da Plataforma da Sociedade Civil UE-Ucrânia. Importa encontrar formas de incluir os adultos e as crianças ucranianas na estrutura social e económica de cada país que os ajudem a ultrapassar o trauma da guerra. Evidentemente, após o fim da guerra, os nossos esforços centrar-se-ão em ajudar estas pessoas a reintegrarem-se no seu país de origem.

A Plataforma da Sociedade Civil apoia a Ucrânia e manifesta a sua total solidariedade para com o povo ucraniano.

Veselin Mitov, membro do CESE, copresidente da Plataforma da Sociedade Civil UE-Ucrânia

«UMA PERGUNTA A...»



Uma pergunta a...

Na nossa secção «Uma pergunta a...», David Stulík, antigo membro do CESE, responde a uma pergunta do CESE Info sobre as possíveis consequências da guerra na Ucrânia.

Atualmente, **David Stulík** é analista principal e responsável pelo programa para a Europa Oriental do Centro Europeu de Valores para a Política de Segurança, um grupo de reflexão checo. É também copresidente do fórum oficial da sociedade civil checo-ucraniana. Anteriormente, trabalhou durante 12 anos junto da delegação da UE na Ucrânia, como assessor de imprensa e de informação. Após a adesão da República Checa à UE, foi nomeado pelo Governo checo membro do Comité Económico e Social Europeu, onde representou o setor não governamental checo e foi também relator para a Bielorrússia. Entre os seus domínios de interesse e especialização contam-se o alargamento e a política de vizinhança da UE, o desenvolvimento da sociedade civil, as políticas de comunicação da UE, a representação de grupos de interesse junto da UE, o diálogo cívico e as consequências socioeconómicas da transição pós-comunista. (ab)



David Stulík: «Estamos a assistir a uma vaga de solidariedade e apoio à Ucrânia sem paralelo»

CESE Info: Face à agressão militar da Rússia contra a Ucrânia, assistimos a uma mobilização sem precedentes da sociedade civil da UE, que está profundamente empenhada em ajudar o povo ucraniano. Em que domínios se tem destacado esta enorme vaga de apoio humano à Ucrânia: ajuda humanitária, transportes, educação, alojamento, escolas, aprendizagem de línguas estrangeiras? Estamos confrontados com uma tragédia humana. Que lições podemos retirar de toda esta situação?

David Stulík: Trata-se, efetivamente, de uma vaga de solidariedade e apoio à Ucrânia sem precedentes que representa uma luz de esperança e nos faz acreditar que os valores europeus acabarão por prevalecer face à barbárie, à crueldade e à brutalidade russas.

É extremamente tocante e emocionalmente encorajador ver toda a ajuda humanitária que os europeus estão a prestar à Ucrânia. Porém, a sociedade civil da UE deve ter presente alguns aspetos, que não posso deixar de sublinhar.

Em primeiro lugar, que esta mobilização para ajudar os refugiados ucranianos a satisfazermos todas as suas necessidades (alojamento, educação das crianças, emprego) resulta da agressão intolerável e dos crimes de guerra perpetrados pela Rússia de Putin. Temos, portanto, de combater o problema que está na génese destas atrocidades, e esse problema é o regime de Putin, que continua a gozar de amplo apoio junto da população russa.

Se lhe conseguirmos pôr termo, conseguiremos também travar o fluxo de refugiados ucranianos para a Europa, que ficariam extremamente felizes se pudessem permanecer e viver em paz no seu país de origem.

E isto leva-me ao segundo aspeto que devemos ter presente e em que a sociedade civil europeia deve insistir. Temos – todos – de pôr cobro às ações insanas dos dirigentes russos e de perceber que, também nós, estamos a ser atacados, e não apenas a Ucrânia.

A propaganda russa apresenta a UE e a OTAN como os seus arqui-inimigos que estão a maniatar a Ucrânia e a servir-se dela contra a Rússia.

Dito isto, é legítimo perguntar como paramos a Rússia de Putin. As sanções económicas, por si só, não conduzirão a uma mudança de regime na Rússia.

Receio que a única solução para parar Putin seja a derrota militar dos seus exércitos em território ucraniano. Esta deveria ser a principal prioridade neste momento, para pôr termo ao assassinato de civis inocentes na Ucrânia e impedir o alastramento da guerra a outras regiões da Europa. Não há dúvida de que os planos e o comportamento agressivo da Rússia também dizem respeito aos Estados-Membros da UE, em particular, aos da Europa Central e Oriental. Porque também nós somos considerados um alvo «legítimo» no radar dos generais russos.

Se não conseguirmos travar a guerra na Ucrânia agora, seremos o alvo que se segue e veremos a guerra abater-se sobre nós. Na verdade, temos de reconhecer que a UE e a NATO já são intervenientes nesta guerra. Pelo menos, é assim que os meios de comunicação social russos (censurados) apresentam a situação.

Por conseguinte, enquanto europeus, devemos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para contribuir para a vitória da Ucrânia no campo de batalha. A par do reforço das sanções económicas, mas não só, contra a Rússia, temos de estar preparados para fornecer ao exército ucraniano todos os meios militares que o país solicita.

Sou um apologistas da paz, mas estes são momentos decisivos em que as democracias liberais têm de se defender contra aqueles que pretendem destruí-las. O inimigo que enfrentamos só comprehende a linguagem da força e o poder militar. Não receemos nem nos envergonhemos de os utilizar, uma vez que a nossa sobrevivência enquanto sociedades democráticas está em jogo.

ADIVINHE QUEM É O NOSSO CONVIDADO



O convidado surpresa

Todos os meses, na coluna «O convidado surpresa», convidamos os nossos leitores a descobrir uma personalidade cujo trabalho e empenho sejam fonte de inspiração. A sua força anímica, firmeza de carácter e determinação são exemplares e a coragem no desempenho da sua profissão é digna de respeito.

Este mês, a nossa convidada é **Tetyana Ogarkova**, jornalista ucraniana, responsável pela secção internacional do Ukraine Crisis Media Center e coapresentadora do podcast Explaining Ukraine. É também professora na Universidade Mohyla de Kiev e doutorada em Letras pela Universidade Paris-XII Val-de-Marne.

Tetyana é convidada frequente de programas de televisão e rádio de todo o mundo, nos quais descreve o drama do povo ucraniano e comenta com perspicácia a tragédia humana em curso.

Nesta edição especial do CESEinfo, partilha com os nossos leitores o seu testemunho pessoal, que ganha ainda mais força por ser escrito a partir da Ucrânia, um país sitiado, atormentado e heróico, onde a jornalista permanece, apesar da guerra. (eh)



Tetyana Ogarkova: A última guerra de Vladimir Putin

Em 24 de fevereiro de 2022, fomos acordados às 5 da manhã por um ruído estranho, que se ouvia ao longe, e era em tudo semelhante ao som de explosões. As crianças dormiam sossegadas nas suas camas, mas os telemóveis apitavam sem cessar ao receberem mensagens constantes. A guerra tinha começado. As explosões que ouvimos revelaram-se ataques de mísseis a Kiev, Kharkiv, Ivano-Frankivsk e outras cidades do país.

Um dos primeiros mísseis destruiu um edifício numa instalação militar de Brovary onde vivia o professor de dança da nossa filha mais velha. Algumas horas mais tarde, entrei no carro para ir à procura de uma amiga que tinha deixado de atender o telefone. Os tanques ucranianos avançavam na minha direção e as suas lagartas deixavam um rastro no asfalto.

Após este despertar doloroso em 24 de fevereiro de 2022, que destruiu o nosso mundo para sempre, não voltámos a adormecer. Observamos a nossa nova realidade com os olhos bem abertos. Durante a primeira semana da guerra, vimos pela primeira vez os nossos amigos cair em combate. Vimos também o exército ucraniano conseguir resistir ao «segundo maior exército do mundo». Vimos os povos europeus fornecerem-nos armas e debaterem a aplicação de sanções à Rússia.

Acima de tudo, observamos a Rússia com os olhos bem abertos. E não conseguimos acreditar em tanta baixeza: os soldados vangloriam-se junto das suas mulheres das máquinas de café, tapetes e mesmo máquinas de lavar que roubaram nas cidades devastadas. Não conseguimos acreditar em tanta crueldade: matam civis desarmados com uma bala na nuca, violam as mulheres ucranianas à frente dos seus filhos e depois queimam os seus corpos. Os bombardeamentos aos nossos hospitais e os ataques com mísseis sucedem-se todos os dias sem exceção. Não conseguimos acreditar em tanta estupidez: durante mais de um mês, os soldados russos escavaram trincheiras no solo de Chernobil, até adoecerem com síndrome de radiação e terem de ser transferidos para a Bielorrússia, onde já estão a morrer.

Observamos com os olhos bem abertos a realidade da Rússia atual. Putin não é o único a travar esta guerra. Segundo uma sondagem recente do centro de estatísticas russo Levada, 85% dos russos apoiam a guerra contra a Ucrânia.

É chegado o momento de enfrentar esta nova realidade. A resistência heroica dos soldados ucranianos, a ajuda militar e as sanções vigorosas dos parceiros ocidentais da Ucrânia produzem os seus efeitos.

Mas a guerra continua. O mais importante é continuar a resistir, não desistir, não cair na tentação de um cessar-fogo irrefletido ou demasiado rápido. Todos queremos a paz. Temos agora uma oportunidade única para assegurar que esta agressão inqualificável da Rússia é também a sua última guerra. O cessar-fogo, as concessões de territórios ou as cedências não terão qualquer utilidade, a não ser permitir à Rússia reivindicar uma vitória parcial e atiçar o sentimento de ódio e vingança da sociedade russa.

Em 1992, foi a Transnístria, em 2008, a Geórgia, em 2014, a Crimeira e o Donbass. A cada nova década, a Rússia agrava os problemas e os perigos que assolam a região. O Kremlin aproveitou todas as fraquezas do Ocidente como pretexto para continuar as suas agressões. Observemos com os olhos bem abertos a realidade atual. Para alcançarmos a paz, a guerra contra a Rússia tem de prosseguir.

Será preciso coragem. Muita coragem. Não só dos soldados ucranianos, mas também dos nossos parceiros ocidentais: para reforçar as sanções, a fim de destruir a economia russa, e para fornecer aos ucranianos as

armas ofensivas necessárias para empurrar as tropas russas para o outro lado da fronteira.

Será preciso firmeza. A firmeza necessária para impor a todos os cidadãos russos a responsabilidade histórica por esta barbárie desumana, após a derrota inevitável da Rússia; para obrigar a Rússia a pagar reparações de guerra durante duas ou três gerações, publicar manuais de história com descrições pormenorizadas dos seus crimes de guerra, criar um museu sobre a batalha de Mariupol ou Bucha no centro de Moscovo.

Só após o fim desta guerra suicida, será possível uma outra Rússia, uma Rússia livre do complexo de império ferido e da ambição de restaurar a sua grandeza passada às custas dos países vizinhos.

Às 5 horas da madrugada de 24 de fevereiro de 2022, acordámos a ouvir Putin invocar a «desnazificação» e a «desmilitarização» como objetivos da sua «operação militar». Mas acordemos de verdade e abramos os olhos. Não é a Ucrânia que precisa de «desnazificação» ou de «desmilitarização». É a Rússia.

NOTÍCIAS DO CESE



CESE debate resolução sobre o impacto económico, social e ambiental da guerra na Ucrânia

O Comité Económico e Social Europeu adotou, em 24 de março, uma resolução sobre a guerra na Ucrânia e o seu impacto económico, social e ambiental, no contexto de uma cimeira do Conselho Europeu que colocou a guerra no topo da agenda.

A resolução foi adotada na reunião plenária após debate com a comissária dos Assuntos Internos, **Ylva Johansson**, e vários representantes proeminentes da sociedade civil da Ucrânia e da Rússia.

Os membros do CESE manifestaram a sua solidariedade para com a Ucrânia e destacaram o papel da sociedade civil na assistência ao povo e aos refugiados ucranianos.

Ao abrir o debate, a presidente do CESE, **Christa Schweng**, salientou: «Esta invasão ameaça a nossa segurança e os nossos valores, pelo que a UE apoia a Ucrânia, com toda a legitimidade e firmeza,

respondendo de forma solidária e a uma só voz».

A comissária dos Assuntos Internos, **Ylva Johansson**, por seu lado, destacou o papel extremamente importante que o CESE tem a desempenhar, graças aos seus conhecimentos no terreno. Até à data, a Europa já acolheu 3,5 milhões de refugiados ucranianos, dos quais 1,8 milhões são crianças. A solidariedade extraordinária e sem precedentes demonstrada pela sociedade civil para com a população que foge da guerra na Ucrânia «enche-nos a todos de orgulho por sermos europeus», afirmou a comissária.

Os presidentes dos três grupos do CESE, na qualidade de relatores da resolução, sublinharam os desafios essenciais que a Europa tem pela frente devido à guerra.

Stefano Mallia, presidente do Grupo dos Empregadores do CESE, declarou: «Na nossa resolução, congratulamo-nos com as ações humanitárias levadas a cabo até ao momento e instamos os Estados-Membros a fazerem mais para ajudar a Ucrânia».

Oliver Röpke, presidente do Grupo dos Trabalhadores, afirmou: «Uma das minhas mensagens principais é que a comunidade internacional e a Europa têm de se manter unidas nesta situação».

Séamus Boland, presidente do Grupo Diversidade Europa, afirmou: «A invasão russa da Ucrânia é a agressão não provocada mais violenta ocorrida no continente europeu desde 1939. Temos de nos opor a ela».

Os representantes da sociedade civil ucraniana e russa contribuíram com grande emoção para o debate, relatando as suas experiências da guerra em primeira mão.

O fundador do movimento Open Russia, **Mikhail Khodorkovsky**, chamou a atenção para as consequências desastrosas da desinformação e afirmou: «O nosso objetivo principal é combater a desinformação, inclusive além da Rússia».

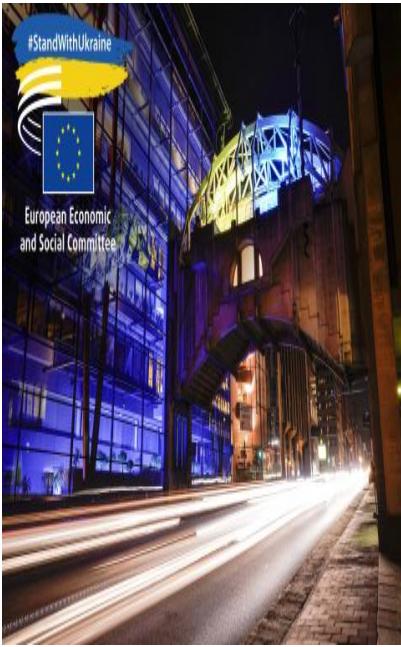
O presidente do Conselho Económico e Social Tripartido Nacional da Ucrânia, **Anatoliy Kinakh**, classificou os atos da Rússia «não apenas como uma agressão militar, mas um crime contra a civilização».

Alexander Shubin, presidente da plataforma da sociedade civil ucraniana, pediu à Europa que continuasse a apoiar a Ucrânia e as suas aspirações a fazer parte da família europeia.

Gennadiy Chyzhykov, presidente da Câmara de Comércio e Indústria da Ucrânia, por seu lado, solicitou às organizações patronais e empresariais europeias que apoiassem as empresas ucranianas.

Por último, **Yevgenya Pavlova**, da Assembleia Nacional das Pessoas com Deficiência da Ucrânia, pediu que não fossem esquecidas as pessoas ucranianas com deficiência, que necessitam de atenção especial. (at)

O [texto completo da resolução do CESE](#) pode ser consultado no sítio Web do CESE.



CESE mostra-se unido e solidário com a Ucrânia

Christa Schweng, presidente do CESE

Assistimos a uma agressão não provocada contra a liberdade, a democracia, os valores e os próprios fundamentos da União Europeia, que assentam na força da lei e não na lei da força. A paz, objetivo que esteve na base da construção da União Europeia, é hoje mais importante do que nunca. Enquanto europeus, temos de nos manter unidos e solidários com o povo ucraniano.

Cillian Lohan, vice-presidente do CESE responsável pela Comunicação

Estamos solidários com o povo ucraniano. É com grande admiração que vejo a parceria sólida já estabelecida entre a sociedade civil da UE e da Ucrânia. Desde o início da guerra, testemunhamos uma vaga única de generosidade humana para com os refugiados ucranianos, um exemplo único de solidariedade, unidade e altruísmo. A nação ucraniana defende a

paz e a segurança para e por todos. Esta tragédia humana não tem fronteiras, afetando-nos a todos.

Giulia Barbucci, vice-presidente do CESE responsável pelo Orçamento

Onde quer que ocorra, a guerra nunca é aceitável e deve ser sempre condenada, pois só provoca destruição, morte e horror. Na Ucrânia, perto das fronteiras da União, vimos o relógio da história europeia andar para trás e assistimos ao regresso de acontecimentos que pensávamos fazerem parte do passado. Nesta terrível tragédia, as instituições europeias uniram forças, erguendo a sua voz contra esta agressão inaceitável e abrindo as portas aos que fogem da guerra, em especial as mulheres, as crianças e os idosos. O CESE, juntamente com as organizações da sociedade civil, mobilizou toda a força da sua solidariedade para ajudar as vítimas destas atrocidades. A União Europeia deve desempenhar um papel decisivo na procura de soluções diplomáticas que ponham termo ao conflito, tomar ações imediatas para julgar os responsáveis pelos crimes de guerra e dar passos concretos na direção da reconstrução.

Stefano Malia, presidente do Grupo dos Empregadores

Imediatamente após o início da invasão russa da Ucrânia, a UE tomou medidas que teriam sido impensáveis há apenas alguns meses. A guerra na Ucrânia fez sobressair a humanidade da UE e dos seus cidadãos, que antepuseram a liberdade e a paz aos interesses materiais e ao comércio. O despertar da Europa é visível de uma ponta à outra do espelho político. Se a Europa quer continuar a viver em paz, terá de criar uma política externa e uma defesa comum robusta. Esse tabu desapareceu quando a guerra regressou ao nosso continente. Esta dinâmica crescente no sentido de salvaguardar a paz e a solidariedade é o novo facho da Europa que agrupa em seu torno os cidadãos europeus e de outras partes do mundo. A UE tinha de redescobrir a sua vontade de paz para prosseguir a sua construção. Em vez de dividir a Europa, Putin uniu-nos a todos em torno dessa missão.

Oliver Röpke, presidente do Grupo dos Trabalhadores

A agressão da Rússia é uma ameaça direta à União Europeia. Temos de nos manter unidos e ao lado do povo ucraniano, demonstrando a nossa total solidariedade quer para com os refugiados que fogem atualmente da guerra, quer para com as pessoas que ficam na Ucrânia a combater. Os sindicatos recordam que a máquina da guerra se alimenta do sangue dos trabalhadores, apelam à retirada das tropas russas e

apoiam a sociedade civil ucraniana e russa.

Séamus Boland, presidente do Grupo Diversidade Europa

Estamos à beira de um precipício e temos de dar a mão às organizações da sociedade civil na Ucrânia. Os valores e princípios europeus estão em risco, pelo que temos de erguer a nossa voz contra esta agressão, em nome dos valores que a Europa defende desde a Segunda Guerra Mundial. A história europeia mostra-nos que a paz é uma «flor frágil», que exige toda a nossa atenção e dedicação. Se a espezinharmos, o ser humano é mesmo capaz de destruir o nosso mundo e todas as suas formas de vida. É indispensável que a UE e a família europeia alargada se mantenham unidas e solidárias com os nossos vizinhos.

Dimitris Dimitriadis, presidente da Secção das Relações Externas (REX)

O CESE continuará empenhado em apoiar a sociedade civil na Ucrânia, nomeadamente através de canais já bem estabelecidos, como a Plataforma da Sociedade Civil UE-Ucrânia, e dos seus contactos bilaterais.



CESE abre as suas portas à sociedade civil ucraniana

Para que a solidariedade com a Ucrânia se traduza em ações concretas, o CESE adere à iniciativa do Parlamento Europeu, «Plataforma da Sociedade Civil» para a Ucrânia, permitindo que a ONG «Promote Ukraine» utilize parte das instalações do Comité, na rue de Trèves 74, bem como equipamento logístico.

A cerimónia oficial durante a qual as instalações serão colocadas à disposição da ONG terá lugar na sede do CESE, no edifício Jacques Delors, em 20 de abril de 2022. A presidente do CESE, **Christa Schweng**, deu as boas-vindas aos representantes da sociedade civil ucraniana, tendo-lhes entregue um cartão simbólico de acesso ao edifício nas cores da bandeira ucraniana.

Christa Schweng afirmou: «O CESE, enquanto casa da sociedade civil organizada da UE, abre as suas portas à sociedade civil organizada ucraniana, que faz parte da nossa família europeia. Estamos ao lado da Ucrânia e do seu povo e queremos que a nossa solidariedade se traduza em ações concretas. Estamos juntos e estamos unidos para defender os nossos valores comuns: liberdade, democracia e Estado de direito.»

Natalia Melnyk, coordenadora da sociedade civil ucraniana, frisou: «O dia 24 de fevereiro mudou as nossas vidas, e não foi para melhor. No entanto, nós não queremos condolências. Temos, agora, muito trabalho pela frente e espero que, nestas instalações, possamos fazer mais para apoiar os ucranianos. Esta plataforma está aberta a todos os europeus que queiram apoiar a Ucrânia.»

Serghii Tereshko, chefe da Missão da Ucrânia junto da UE, acrescentou: «Gostaria de expressar a nossa gratidão pela solidariedade para com a Ucrânia e pela resolução do CESE sobre a guerra na Ucrânia e o seu impacto económico, social e ambiental. Agradecemos o apoio da Plataforma da Sociedade Civil UE-Ucrânia que nos ajuda a aproximar-nos da União Europeia. A disponibilização deste espaço é o primeiro passo

para uma presença permanente da Ucrânia nas instituições europeias.»

Marta Barandiy, presidente da ONG «Promote Ukraine», salientou que «as instituições europeias deram-nos espaço para nos fazermos ouvir. Agora, recebemos um espaço para trabalhar. Um espaço para cooperar com a sociedade civil europeia».

O espaço de trabalho e os lugares de estacionamento no edifício B68 (rue de Trèves 74), bem como o apoio administrativo e logístico (equipamento, serviços tipográficos e informáticos), serão utilizados para coordenar as atividades da sociedade civil ucraniana. Deste modo, o CESE facilita o trabalho da ONG «Promote Ukraine», disponibilizando-lhe um espaço seguro no coração da Europa. (ab/ehp)

A PALAVRA AOS MEMBROS DO CESE

Uma vaga única de generosidade humana para com o povo ucraniano

«Desde o início da guerra, testemunhámos uma vaga única de generosidade humana, um exemplo único de solidariedade, unidade e altruísmo para com os refugiados ucranianos. Os nossos membros e as respetivas organizações demonstraram uma mobilização impressionante e estão plenamente empenhados em prestar assistência aos refugiados ucranianos».

Veja a mensagem de vídeo do vice-presidente do CESE Cillian Lohan, que descreve os esforços incessantes da sociedade civil para apoiar a Ucrânia em guerra.



Ajudamos os ucranianos a reconstruírem as suas vidas e os seus negócios na Polónia

Tomasz Wróblewski, membro do CESE, Polónia

Quando esta guerra terminar, a Europa deixará de se definir à luz da experiência da Segunda Guerra Mundial ou da Guerra Fria, mas sim por tudo o que acontece atualmente na Ucrânia, cujas consequências não podemos ainda vislumbrar. As experiências e os ensinamentos adquiridos mudarão a maior parte das nossas percepções atuais do mundo.

Para a Polónia, este será sempre um momento histórico de formação do país. O que aprendemos sobre a fragilidade do mundo, ao observar milhões de pessoas a fugir do mal, mas também tudo o que aprendemos sobre nós próprios, acolhendo centenas de milhares de pessoas estrangeiras nos nossos lares, deixará uma marca ao longo de muitos anos.

Por vezes falamos da «ucranização» da Polónia, a transformação espiritual das duas nações.

2,7 milhões de pessoas atravessaram o nosso país e encontraram aqui alojamento e assistência, e para os seus filhos havia vagas nas escolas e nas creches.

Todas as pessoas que conheço ou que encontro accidentalmente na rua ou nas lojas fazem alguma coisa para ajudar, cada uma à sua maneira. Os mais corajosos transportam medicamentos e coletes de proteção para a Ucrânia. Outros passam todos os momentos livres a ajudar os imigrantes a preencher documentos, a abrir contas bancárias e a procurar trabalho. Os que estão na fronteira acolhem a toda a hora os refugiados que a travessam em números crescentes.

Cozinham, arranjam transporte para outras cidades ou países, entregam centenas de milhares de doações: cobertores, mochilas, ursos de peluche para as crianças. Todos esses objetos chegam à nossa fronteira vindos de todos os cantos do mundo.

Tudo o que nós, enquanto membros de organizações de empregadores, podemos fazer é ajudar naquilo em que somos mais úteis. Ajudamos os empresários ucranianos a reconstituírem as suas empresas na Polónia. Transferimo-los das ruínas das suas fábricas, lojas, clínicas, salões de beleza e damos emprego na Polónia a pessoas que, muitas vezes, não têm casa, nem meios de subsistência, e nem mesmo familiares.

No centro de Varsóvia, funciona um gabinete de organizações de empresas ucranianas. Além das instalações de escritório e do apoio administrativo, ajudamos a encontrar espaços para as empresas que decidam reconstituir a sua atividade económica na Polónia. No início, arrendámos dezenas de milhares de metros quadrados de área de produção. Graças à generosidade das empresas polacas estabelecidas na parte industrial de Varsóvia, as empresas ucranianas recebem o espaço gratuitamente. Pagam apenas a fatura da água e a recolha de resíduos.

Após quase dois meses de crise de refugiados, a Polónia ainda não teve de criar um único campo de refugiados, nenhum lugar em que a dignidade das pessoas e a sua segurança estejam ameaçadas.

Tanto a Ucrânia como a Polónia enfrentam agora uma nova etapa da guerra. Às pessoas que encontraram refúgio aqui, queremos agora restituir-lhes a sua vida. Não lhes podemos dar o seu país, mas, pelo menos, ao dar-lhes emprego, podemos ajudá-las a encontrar uma normalidade relativa.



Membros do CESE levam ajuda humanitária à Ucrânia

por Marcin Nowacki, membro do CESE, Polónia

Em 8 de março de 2022, a organização polaca ZPP, a que pertenço, e a Fundação Kulski (à qual está associada a minha colega Małgorzata Bogusz, membro do CESE) organizaram uma entrega modesta, mas rápida, de ajuda humanitária.

Era a segunda viagem dessa semana. Desloquei-me a Lviv, na Ucrânia, com Małgorzata Bogusz e Tom Palmer, vice-presidente da organização norte-americana Atlas Network, com o objetivo de fornecer medicamentos, material médico e produtos de higiene à Ucrânia. Chegámos com dois autocarros cheios ao ponto de encontro indicado pelos nossos interlocutores ucranianos, responsáveis por embalar o material e fazê-lo chegar onde é mais necessário.

Ao longo da fronteira entre a Polónia e a Ucrânia, formava-se uma longa fila contínua de automóveis e autocarros em direção à Polónia. Infelizmente, a necessidade de evacuar civis não está a diminuir, mas a aumentar de forma constante. Em 10 de março de 2022, a Polónia já tinha recebido mais de 1,5 milhões de ucranianos.

A caminho de Lviv atravessámos vários postos de controlo, o maior dos quais, assegurado pelo exército, mesmo à entrada da cidade, num local que fervilhava de vida – Lviv, transformada em entreposto e centro logístico de apoio à Ucrânia central e oriental, alberga atualmente várias centenas de milhares de pessoas além do habitual. Nos arredores da cidade, encontrámo-nos com o nosso guia, que nos levou até ao centro logístico, onde nos aguardava uma equipa de pessoas que começou imediatamente a descarregar os autocarros. Todo o material entregue foi triado e devidamente catalogado. A gestão do processo foi extremamente eficiente e, concluída a entrega, tivemos a oportunidade de trocar ideias sobre a situação atual e sobre as principais necessidades dos ucranianos. Os residentes de Lviv abriram as portas de sua casa e ofereceram alojamento, alimentação e transporte aos seus compatriotas deslocados das zonas atacadas pela Rússia.

Durante a estadia, os nossos parceiros ucranianos transmitiram-nos as suas principais recomendações e necessidades mais urgentes. Trabalhámos lado a lado todos os dias e tenho o privilégio de transmitir a sua mensagem. As principais recomendações e necessidades dos nossos interlocutores ucranianos podem ser divididas em três grandes âmbitos: político, militar e civil. As mais urgentes são:

- Assistência financeira e fornecimento de equipamento militar, uma tarefa que incumbe aos governos e às grandes empresas.
- Pressão e sanções duras e abrangentes contra a Rússia e a Bielorrússia, que não possam ser contornadas. Estas sanções terão também um custo para nós, europeus, que temos de assumir. É tempo de redefinir a nossa política energética.

Dos governos à sociedade civil no seu conjunto, passando pelas organizações de empregadores e de trabalhadores, solicita-se as seguintes ações concretas:

- Fornecimento de material médico.
- Fornecimento de outros bens especificados pelos nossos parceiros.
- Apoio à evacuação de famílias. No caminho de regresso da Ucrânia, transportámos várias pessoas que estavam a sair do país. Outra opção consiste em prestar apoio na fronteira e ajudar no transporte.
- Acolhimento e alojamento das famílias que chegam aos países da UE. Os países da região necessitam de lugares onde albergar os refugiados, por exemplo, quartos livres ou apartamentos desocupados. A Polónia já acolheu mais de 2,8 milhões de refugiados da guerra.
- Simplificar o processo de procura de emprego para as pessoas que podem e desejam trabalhar.

Não posso deixar de salientar que esta crise de refugiados não tem precedentes na história moderna da Europa. Só envolvendo a sociedade civil de todos os Estados-Membros conseguiremos estar à altura deste enorme desafio.



Acolhimento de refugiados ucranianos na Roménia

por Ionuț Sibian, membro do CESE, Roménia

Na Roménia, várias organizações da sociedade civil, designadamente a [FONSS](#), a [Afterhills](#), a [ParentIS](#) e a [Our Smile Group](#), associaram-se ao [município de Iasi](#) para gerir um centro de refugiados para ucranianos provenientes das zonas de guerra. A história que se segue, relatada pela minha colega Mihaela Muntean, é uma das muitas experiências comoventes que temos vivido.

Iovana, de duas semanas de idade, foi a primeira refugiada a chegar ao [centro de assistência humanitária e social para refugiados CTR Nicolina Iasi](#). Era uma bebé minúscula e silenciosa ao colo da mãe, também ela silenciosa e pálida, depois de ter dado à luz num abrigo e de ter viajado

durante 21 dias. A seguir veio Roman, pai da bebé, um homem alto, com a sua mãe e o seu avô, de 86 anos. Quatro gerações saíram do carro carregado e dirigiram-se lentamente à receção.

- De onde vêm?

- Kharkov!

A palavra parecia dolorosa, como se fosse uma pena de prisão.

Ainda não estávamos abertos oficialmente, mas tínhamos recebido um telefonema do posto aduaneiro perguntando se os podíamos acolher. Decidimos, então, alojá-los nos dois pisos destinados às pessoas vulneráveis.

A bebé nasceu três dias depois de terem deixado a sua casa, no meio da guerra. Imagino o terror que a jovem mãe não sentiu. O coração de Roman deve ter-se sentido dilacerado entre o dever de combater e o dever de proteger tantas pessoas vulneráveis.

Quando saíram do carro com a bagagem, disseram-nos que só queriam dormir. Depois da primeira noite, referiram que a nossa casa era muito silenciosa. Mas a menina não sossegava e o avô, que tinha alguns problemas de visão, não falava com ninguém. Tinha vivido a guerra durante a sua adolescência. Mas agora, apoiando-se na bengala com o peso da idade e com uma experiência de vida que não podia deixar para trás, passava, desconfortável, de um sofá para o outro.

No primeiro dia no centro, a bebé recebeu um banho e uma massagem da nossa equipa da ParentIS. Na realidade, aquela família era o centro das nossas atenções. Na manhã seguinte, estavam mais repousados, após uma noite bem dormida, em que a bebé nem sequer acordou para comer.

Seguiram-se alguns dias pacíficos, com a avó faladora e carinhosa, a mãe simpática e discreta e uma recém-nascida ternurenta. Roman começou rapidamente a ajudar os outros refugiados de todas as formas que podia, sentindo provavelmente que estava a retribuir o que lhe tinham dado. Lavámos e pendurámos roupa a secar juntos, contámos histórias. O avô acabou por se animar o suficiente para responder às saudações e ser pontualíssimo na hora das refeições.

Mas o equilíbrio acabou por se romper novamente alguns dias depois, quando a mãe, a mulher e a bebé de Roman tentaram partir para a Bélgica. No aeroporto, constataram que só a mãe de Roman podia seguir viagem, pois a sua mulher não tinha passaporte eletrónico.

Nem quero imaginar como é que a avó se sentiu ao deixar para trás o filho, a neta e o pai. Quando vimos Roman regressar com a criança nos seus braços, ficámos todos transtornados. Finalmente, acabou por se encontrar uma solução para a jovem mãe e a bebé poderem partir. Ficaram apenas os homens da família, silenciosos, abatidos, cada um a sós com os seus pensamentos e a sua impotência. Também eles acabaram por seguir rapidamente viagem, deixandoatrás de si a recordação de um refugiado que foi colega por algum tempo, a alegria que todos nós sentimos na manhã em que a mãe nos disse que a bebé tinha sossegado e dormido a noite toda, e uma nota de agradecimento de Roman, exprimindo a imensa alegria por terem testemunhado o milagre chamado Iovana, a bebé que teimou em nascer enquanto outros estavam a morrer.



Hungria: ajudar de todas as formas possíveis

Por Zsolt Kükedi, membro do CESE, Hungria

Na qualidade de delegado de uma organização ambientalista, tenho consciência de que a situação não é propícia a reflexões ecológicas face à tragédia humana a que assistimos, e que as pessoas diretamente confrontadas com o fluxo de refugiados apreciam qualquer sinal de interesse, compaixão e tipo de ajuda.

Devido ao meu trabalho no domínio do desenvolvimento regional, conheço muitos autarcas e dirigentes distritais que, quando a guerra começou, imediatamente e de forma generosa, ofereceram aos refugiados os seus centros comunitários e espaços comuns. Uma povoação de apenas 700 habitantes acolheu mais de 100 ucranianos e dá-lhes desde então comida, teto e roupa lavada. Logo após o início da guerra, quando regressei a casa depois da reunião plenária do CESE,

escrevi a 18 membros do governo local, presidentes de município e dirigentes distritais do leste da Hungria pedindo-lhes que nos informassem sobre a situação e as formas de os ajudarmos a partir de Budapeste. Pessoalmente, não quis precipitar-me para a fronteira, uma vez que nos primeiros dias, os voluntários entusiastas podem constituir mais um obstáculo do que uma ajuda ao trabalho humanitário.

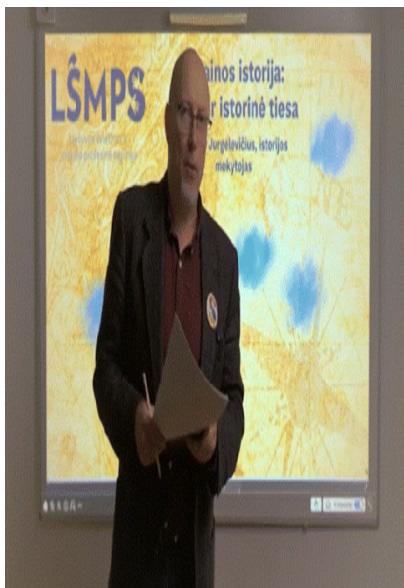
Obtive resposta de 9 das 18 pessoas que contactei. Provavelmente, as outras não tiveram tempo para ler ou responder a mensagens de correio eletrónico, o que é perfeitamente compreensível, dada a situação. No entanto, aquelas que responderam afirmaram que a minha mensagem as reconfortava. Só o facto de saberem que pensávamos nelas e que podiam contar connosco era importante para elas, e foi muito bom ler estas palavras. Uma pessoa pediu apoio financeiro para comprar cobertores e detergentes. Outra encaminhou-me para organizações que precisavam de doações. Todas prometeram contactar-me se a situação se agravasse e se tornasse incompatível em termos pessoais ou financeiros.

Contribuímos também angariando material médico e enviando-o às pessoas necessitadas, que não o conseguiam obter devido à guerra. Enviámos sacos coletores para ostomia, obtidos no local de trabalho da minha mulher. Os sacos de ostomia são bolsas especiais para as pessoas que não conseguem eliminar os resíduos do organismo de forma natural devido a uma deficiência ou doença que afeta partes do aparelho digestivo ou urinário. Tais resíduos são excretados através de um orifício (designado «estoma») situado num local específico da parede abdominal. Os doentes necessitam de um saco novo todos os dias. Não imaginávamos ter de transportar estes sacos essenciais. Mas a nossa vida é suficientemente complexa para compreendermos que, numa situação deste tipo, por vezes, a nossa ajuda assume formas invulgares.

Nas nossas reuniões de secção no CESE, debatemos a guerra na Ucrânia lançada pela Rússia e o seu impacto. Pediram-me para contactar uma pessoa presente no campo de batalha e um perito nuclear que nos permitisse compreender a ameaça colocada pelas centrais nucleares ucranianas. Graças ao meu trabalho no domínio do desenvolvimento, tenho muitos contactos na Ucrânia e consegui contactar Serhii Prokopenko, um jovem de Kharkiv, especialista em inovação e empreendedorismo, consultor e investigador em Economia. Serhii falou-nos diretamente do teatro de operações, a partir de um abrigo subterrâneo em Kharkiv, onde tinha procurado refúgio, pois a zona em que se encontrava fora bombardeada pouco antes da

nossa reunião. O perito em energia nuclear húngaro, cuja intervenção estava prevista em seguida, acabou por usar da palavra antes de Serhii devido a interrupções na ligação de Internet. Zsolt Hetesi, investigador principal da Universidade Nacional de Administração Pública, dedica-se à investigação do ambiente, energia e sustentabilidade desde 2005. No passado, na qualidade de um dos responsáveis do Grupo de Investigação sobre Desenvolvimento Sustentável e Recursos, falou em numerosas ocasiões sobre a crise resultante do excesso de população e do consumo excessivo de recursos. Enquanto especialista em esgotamento dos recursos, Zsolt Hetesi falou da situação das centrais nucleares, da sua vulnerabilidade e da eventualidade de uma catástrofe nuclear nas quatro centrais nucleares da Ucrânia. Tentou tranquilizar o público afirmando que, de momento, as centrais nucleares ucranianas não pareciam constituir um perigo para o mundo. Depois da sua apresentação, seguiu-se a intervenção de Serhii, durante a qual pudemos sentir a realidade da guerra. O seu relato foi seguido de uma ovAÇÃO. Os membros da secção ficaram sinceramente comovidos com as suas palavras, a ponto de não nos conseguirmos concentrar no nosso trabalho habitual.

Considero que também este é um dever humanitário: contactar as pessoas isoladas pela guerra, pondo de lado a nossa segurança aparente, para nos deixarmos atingir pelo impacto da realidade e sentirmos que há ações que também podemos levar a cabo, mesmo que à distância.



Aula aberta sobre a história da Ucrânia

Por Tatiana Babrauskienė, membro do CESE, Lituânia

A comunidade educativa lituana assiste com profunda tristeza e incredulidade às ações militares deveras violentas perpetradas em grande escala pela Rússia na Ucrânia e lançou uma campanha que visa esclarecer os mais jovens sobre os mitos associados à Ucrânia e a verdadeira história do país.

É fundamental compreender as raízes e os motivos desta agressão sem precedentes, entre os quais se conta a guerra de informação levada a cabo pela Rússia, que incorpora elementos de propaganda, desinformação e notícias falsas sobre a Ucrânia.

Com este objetivo, o sindicato lituano dos trabalhadores da ciência e da educação (LSMPS-LESTU) organizou uma campanha de apoio à Ucrânia nas escolas da Lituânia, que visa combater a guerra de informação russa. Em 28 de fevereiro, convidámos professores de todas as disciplinas e dirigentes de instituições educativas para darem a sua primeira aula sobre a verdadeira história da Ucrânia, em solidariedade com este país.

Audrius Jurgelevičius, vice-presidente do LSMPS/LESTU e professor de História, deu uma aula aberta que abrangeu um século de história ucraniana e analisou as raízes do Estado ucraniano. A aula foi transmitida em linha em direto, e todas as escolas lituanas podiam assistir.

A aula tinha três objetivos principais: em primeiro lugar, demonstrar que a população que habita o território da Ucrânia constitui uma nação independente, a nação ucraniana, distinta da russa e, em segundo lugar, demonstrar que os ucranianos têm vindo a construir a sua história e criaram o seu próprio Estado, cuja administração atualmente asseguram. Constituíram o seu Estado autonomamente, sem a ajuda de qualquer potência estrangeira à qual devam favores. Por isso, nenhum outro país tem o direito de o usurpar. Por último, a aula destinava-se a expor alguns preconceitos sobre a história da Ucrânia que por vezes resvalam para puras mentiras.

A aula de Audrius Jurgelevičius já foi traduzida para russo, polaco e inglês e difundida em todos os continentes graças à diáspora lituana e à Education International, uma federação internacional de sindicatos de professores.

No âmbito da iniciativa, criámos ainda autocolantes e pedimos aos alunos para os imprimirem e usarem durante a aula em sinal de apoio à Ucrânia. Pedimos também para captarem e nos enviarem algumas imagens da aula, que partilhámos com a comunidade educativa ucraniana, juntamente com uma declaração de apoio e solidariedade.

Temos de manter-nos unidos. Não podemos deixar que reescrevam a História.

A aula, com legendas em inglês, está acessível no link seguinte:

<https://www.youtube.com/watch?v=G0lu8AM0o8c&t=17s>



Sociedade civil lituana mobiliza-se para ajudar a Ucrânia

Por Emilia Ruželė, membro do CESE, Lituânia

No início de março, o povo lituano já doara mais de 12 milhões de euros. A minha organização, o Fórum dos Investidores, doou 1000 euros e as empresas associadas contribuíram com mais de 300 000 euros para várias organizações que prestam ajuda à Ucrânia.

A organização de voluntários Stiprūs Kartu («Juntos somos mais fortes») ajuda a encontrar soluções de transporte, alojamento e outros recursos para os refugiados da Ucrânia. O Fórum dos Investidores disponibilizou metade das instalações da sua sede em Vílnius e está pronto para acolher uma família de refugiados. Eu próprio disponibilizei um quarto no meu apartamento para acolher refugiados.

Por fim, em Vílnius, são organizadas diariamente manifestações em frente à embaixada da Rússia.



Portugal: manifestações dizem «Não à guerra! Sim à paz!»

Por Fernando Manuel Maurício de Carvalho, membro do CESE

Uma manifestação decorreu em Lisboa, no Largo de Camões, em 10 de março, sob uma chuva intensa, com os manifestantes a criticar a guerra, as sanções e os que aproveitam para enriquecer vendendo armamento ou que se militarizam a pretexto da guerra. Também foram realizadas manifestações noutras pontos do país.

Os manifestantes em Lisboa empunharam bandeiras azuis ou brancas, com uma pomba desenhada e com a palavra «paz». «Parar a guerra e dar uma oportunidade à paz» sobressaiu na ação, marcada por vários discursos, como o de João Coelho, da CGTP-IN, que condenou os «falcões da guerra» que na Europa se reúnem para aumentar o armamento e os que estão agora a enriquecer vendendo mais armas.

A CGTP-IN expressa a sua solidariedade com os trabalhadores e os povos vítimas da guerra, em particular com os da Ucrânia. A CGTP-IN sempre pautou a sua ação pela defesa da paz e pela condenação da guerra, reafirmando que é necessário parar a guerra e dar uma oportunidade à paz.

Apelamos para um caminho de diálogo que construa uma solução pacífica para o conflito. A guerra não é solução, e a nossa preocupação está com os trabalhadores e o povo da Ucrânia e de todos os países, os primeiros e principais afetados pela guerra e a destruição.

Consideramos que a defesa da paz exige o combate ao militarismo e à corrida armamentista, privilegiando uma solução pacífica, com o estabelecimento de acordos e mecanismos de diálogo assente na confiança mútua, na cooperação e na segurança dos países e povos da Europa, sendo por isso urgente pôr fim à escalada bélica em curso.

A imposição de sanções não para a guerra e tem consequências nefastas para os trabalhadores e o povo, tanto dos países atingidos como de outros. A aplicação de sanções a países como o Iraque demonstra esses impactos e a degradação das condições de vida que provocou, bem como as consequências que trouxe para outros países, o que exige que se tomem desde já medidas para combater os ataques aos direitos que colocam em causa as condições de vida dos trabalhadores.

A CGTP-IN afirma que é necessário garantir todo o apoio aos refugiados, combatendo todas as demonstrações de racismo e xenofobia, e reforça a necessidade de se prestar apoio humanitário para fazer frente às dificuldades que as populações estão a sofrer, na Ucrânia e países vizinhos.

Expressamos, uma vez mais, a solidariedade com os povos vítimas de guerra, em particular o povo e os trabalhadores da Ucrânia, mas também da Palestina e do Sáara Ocidental, do Iémen, da Somália, da Síria e do Afeganistão, sublinhando que o caminho da paz deve ser construído no respeito pelo direito internacional e no quadro da ONU.

«A nossa casa deve ser a sua casa»

Ouça a mensagem do membro do CESE **Ionuț Sibian**, que descreve a mobilização gigantesca da sociedade civil romena para acolher os refugiados ucranianos que fogem da guerra e insta toda a sociedade civil europeia a receber os seus vizinhos ucranianos: «A mensagem que devemos passar para o exterior é a seguinte: A nossa casa em Bruxelas deve ser a sua casa. Estamos aqui e cuidaremos dos nossos colegas da Ucrânia, proporcionando-lhes uma rede de segurança, apoio moral e tudo o que for necessário.»

Solidariedade europeia em ação

Veja a mensagem de **Antje Gerstein**, que descreve a forma como a sociedade civil alemã prestou ajuda muito concreta aos refugiados ucranianos.

«Orgulha-me a nossa rápida mobilização para apoiar a Ucrânia, os seus cidadãos, as suas empresas e a sua sociedade civil com medidas concretas. Várias empresas alimentares e da grande distribuição alemãs entregaram 4000 toneladas de alimentos à Ucrânia. Aqui se viu a solidariedade europeia em ação.»

Espanha: UGT doa uma percentagem do seu orçamento para a ajuda humanitária

Neste vídeo, Manuel García Salgado, membro espanhol do CESE, apela para «paz, solidariedade e respeito» e anuncia o compromisso do seu sindicato no sentido de ajudar os ucranianos atingidos pela guerra.

«Em nome da União Geral de Trabalhadores, o principal sindicato espanhol, condenamos firmemente a invasão da Ucrânia pelas forças armadas de Vladimir Putin. Trata-se não só de um ataque aos valores fundadores da União Europeia, mas também contra a população civil. Lançamos um apelo urgente à solidariedade e à ajuda humanitária.»



Resposta política, económica e estratégica à guerra na Ucrânia

Por Cinzia del Rio, membro do CESE, Itália

A invasão russa da Ucrânia alterará as relações geopolíticas e económicas a nível mundial, em particular entre a Rússia e a UE. A inaceitável intervenção militar, que está a vitimar civis e a destruir as cidades e as estruturas civis e económicas do país, foi condenada nos termos mais firmes e veementes pela comunidade internacional democrática e pelo movimento sindical.

Expressámos o nosso total apoio ao povo ucraniano, organizámos manifestações contra Putin e a sua guerra não provocada, e defendemos a adoção de sanções económicas pungentes contra a Rússia para exercer pressão sobre o regime. Um mês e meio após o início da invasão, as atrocidades repetem-se, os corredores humanitários permanecem

difíceis, milhões de ucranianos abandonaram o seu país para procurar abrigo nos países da UE e muitos mais estão deslocados dentro da Ucrânia, enquanto as negociações sobre um cessar-fogo e o processo de paz progridem lentamente.

As organizações da sociedade civil, os sindicatos e as ONG de toda a UE, nomeadamente dos países limítrofes da Ucrânia, demonstraram a sua solidariedade incondicional, disponibilizando prontamente ajuda, cuidados médicos, alojamento, alimentos, roupa e medicamentos aos refugiados. A [diretiva relativa à proteção temporária](#) foi fundamental para garantir a proteção e os direitos dos refugiados na UE, ajudando-os a enfrentar a situação de emergência e a integrarem-se o melhor possível nas nossas sociedades. Além disso, importa ter em conta que 80% dos refugiados são mulheres e crianças, que vivem pela primeira vez a残酷和暴力 of war, com consequências psicológicas que as marcarão para sempre. A UE deverá estar atenta para assegurar a proteção destes grupos vulneráveis e combater o risco de tráfico de seres humanos e de exploração sexual.

A invasão russa da Ucrânia consolidou a identidade nacional ucraniana, bem como a aproximação geopolítica do país às democracias ocidentais, e acelerou o início do processo de adesão da Ucrânia à UE. Revitalizou ainda os laços fortes entre a UE e os Estados Unidos da América, reforçou a presença da OTAN junto às fronteiras com a Ucrânia e aproximou os países da UE, que reagiram através de uma condenação unânime da invasão russa e da barbárie da guerra. No entanto, após o primeiro pacote de sanções da UE, recentemente alargadas às importações de carvão, afigura-se atualmente impossível adotar uma decisão comum de embargo das importações, em especial de gás e de petróleo, uma vez que tal obrigaria a Europa a encontrar rapidamente fontes de abastecimento alternativas para que a sua sobrevivência económica não dependa da Rússia. Lamentavelmente, ainda não é possível ir tão longe, pois é necessária uma decisão unânime dos governos europeus, e o impacto de um embargo total das importações de energia russa no PIB de alguns países seria dramático.

Tal significaria o encerramento de empresas e a perda de postos de trabalho, logo a seguir à crise pandémica. Naturalmente, será necessário tempo para impor um embargo total ao gás e aos hidrocarbonetos russos, mas o rumo está traçado e as relações económicas com a Rússia nunca mais serão

as mesmas. Neste contexto, porém, a UE tem a responsabilidade de salvar o que resta da economia da Ucrânia, a fim de evitar uma calamidade que perdure ao longo dos próximos anos. Deve nomeadamente encetar um diálogo concreto com a Ucrânia sobre o processo de adesão, sem prejuízo do processo de adesão dos países dos Balcãs Ocidentais.

A UE deve estabelecer mecanismos de compensação para combater as consequências económicas e sociais negativas do conflito e das sanções conexas nos nossos países. Não podemos ignorar que as sanções contra a Rússia terão impacto nos objetivos de desenvolvimento sustentável da UE, que aprovámos juntamente com os investimentos no âmbito do Instrumento de Recuperação da UE (NextGenerationEU). Contudo, é necessário manter os compromissos assumidos no âmbito das transições ecológica e digital, bem como reforçar a dimensão social na Europa.

A guerra tem igualmente consequências graves no abastecimento alimentar a nível europeu e mundial. Agravará ainda mais a situação já difícil dos agricultores e consumidores europeus, devido ao aumento dos preços. Cabe-nos assegurar medidas destinadas a garantir a segurança alimentar na UE, tanto a curto prazo, na sequência da invasão, como a longo prazo. Ao mesmo tempo, não devemos ignorar o impacto considerável da guerra no abastecimento alimentar dos países terceiros. É essencial evitar uma nova crise social e económica, pôr termo à especulação de preços no mercado dos alimentos e do petróleo e ponderar medidas para tributar os lucros acrescidos dos especuladores.

Contudo, a prioridade é pôr fim à guerra e encontrar uma via para que as negociações e o processo de paz possam começar. A UE deve tornar-se um verdadeiro interveniente geopolítico e liderar as negociações, uma vez que o seu futuro está em jogo. A China e a Turquia têm interesses políticos e económicos a defender nestas negociações, mas não são arautos da democracia, nem do respeito pelos direitos humanos fundamentais. Esta situação marca um ponto de viragem na história da UE, com consequências políticas, económicas e estratégicas para todo o mundo. A UE tem de assumir novas responsabilidades e avançar no sentido de uma integração política mais forte: não podemos ter um sistema de defesa comum sem uma política externa comum e uma integração política mais aprofundada e coesa. Todos os passos no sentido de reforçar a integração no domínio da defesa devem incluir um mecanismo de controlo democrático transparente de tal sistema.

O risco de guerra na Europa deve levar os governos da UE a envidarem esforços em prol de um processo de integração política claro no âmbito da Conferência sobre o Futuro da Europa. Cabe à UE defender e proteger os seus valores e garantir a paz que mantivemos na Europa ao longo dos últimos 70 anos.



Momento crucial para a sociedade civil da Europa

por Andris Gobiņš, membro do CESE, Letónia

Todos nós podemos contribuir para uma liberdade mais rápida e duradoura. Eis algumas ideias sobre a forma de o fazer, com base na minha experiência de crescer numa família de refugiados no exílio e, agora, de trabalhar na Letónia.

1. Temos de compreender quais são os nossos objetivos e agir em conformidade.

É óbvio. Quanto mais depressa a Ucrânia se libertar totalmente da ocupação e do terror perpetrados pela Rússia, menos assassinatos, violações, torturas, sofrimento e danos haverá e menor será o impacto negativo no resto da Europa.

Temos de fazer tudo (sim, tudo!) ao nosso alcance para ajudar a Ucrânia a ganhar esta guerra contra o terror e para salvar o futuro da UE e da

Europa. E efetivamente, enquanto sociedade civil, podemos contribuir para esse objetivo através de debates e colocando pressão sobre os nossos decisores, bem como por meio de ações mais eficazes e de relações mais estreitas com as organizações da sociedade civil.

2. As eventuais exigências da sociedade civil aos governos incluem:

- ações decisivas da parte dos representantes políticos (incluindo os membros da sua organização ou amigos da mesma). Cabe disponibilizar todas as armas necessárias e fazer aplicar plenamente sanções rigorosas. Não há margem para complacência. – É isto que temos de fazer.
- o estabelecimento de medidas fortes que limitem a divulgação e combatam as notícias falsas e a manipulação. – São necessárias medidas da UE mais fortes.
- a criação de um mecanismo de paz, recuperação e resiliência para a Ucrânia e os Estados-Membros da fronteira oriental da UE, a fim de tornar aquela região a mais estável e próspera do mundo.

3. As eventuais ações da sociedade civil e no seio da mesma incluem:

- o boicote de todas as importações da Rússia, incluindo de energia e das empresas que continuam a cooperar com a Rússia ou no seu território; e a aquisição de produtos ucranianos. – Temos de envidar mais esforços neste domínio.
- o apoio à rede não formal de sindicatos que recusam carregar e descarregar navios russos, etc., às organizações da sociedade civil que cooperaram com a Ucrânia ou estão ao serviço dos seus refugiados. – Temos de agir em todos estes domínios!
- a inclusão de temas relacionados com a Ucrânia e de representantes de organizações ucranianas em todas as reuniões das vossas organizações e redes, tal como fazemos em todas as nossas secções e na nossa reunião plenária. – Temos de prosseguir o bom trabalho.

Conclusões – o agressor, a Rússia, não deve colher quaisquer ganhos ou benefícios. A UE terá muito a ganhar com a adesão da Ucrânia.

Como afirmámos muito claramente na nossa resolução, o CESE «estima que é da maior importância para a UE e a comunidade internacional que as fronteiras não sejam alteradas por meio da força militar e que o agressor não colha quaisquer benefícios da sua ação. É o Estado de direito, e não a lei do mais forte, que deve prevalecer; a Ucrânia deve ser integralmente ressarcida». Qualquer outra posição prejudicaria significativamente a UE e a paz no mundo e estaria associada a um custo elevado inimaginável, tanto

humano como financeiro.

Acredito que a Ucrânia deve ser, e será em breve, um Estado-Membro da UE de pleno direito. A UE ficará mais forte e também melhor com a adesão da Ucrânia. E não há dúvidas quanto a haver motivação suficiente para as reformas ainda necessárias na Ucrânia e ao impacto positivo nos valores e nas políticas conexas da UE.

A propósito, as organizações da sociedade civil da Letónia estão a liderar uma iniciativa para plantar girassóis em prol da solidariedade com a Ucrânia (#UkraineSolidarity) e da adesão da Ucrânia à UE (#UkraineInTheEU), em 9 de maio, Dia da Europa, contando com a participação das instituições principais da UE e não só. Por isso, juntam-se também!

Editores

Ewa Haczyk-Plumley (editor-in-chief)
Daniela Marangoni (dm)

Colaboraram nesta edição

Amalia Tsoumani (at)
Agata Berdys (ab)
Ewa Haczyk-Plumley (ehp)
Giorgia Battiatto (gb)
Thomas Kersten (tk)

Coordination

Agata Berdys (ab)
Katerina Serifi (ks)

Technical support
Bernhard Knoblach (bk)

Endereço

Comité Económico e Social Europeu
Edifício Jacques Delors, Rue Belliard, 99, B-1040
Bruxelas, Bélgica
Tel. +32 2 546 94 76
Correio eletrónico: eescinfo@eesc.europa.eu

O CESE Info é publicado nove vezes por ano, por ocasião das reuniões plenárias do CESE. Está disponível em 23 línguas.

O CESE Info não pode ser considerado como o relato oficial dos trabalhos do CESE, que se encontra no Jornal Oficial da União Europeia e noutras publicações do Comité.

A reprodução, com menção do CESE Info como fonte, é autorizada (mediante envio da hiperligação à redação).

05/2022